

A influência das lendas e mitos para a cultura atual e a educação

The influence of legends and myths on contemporary culture and education

Maria Cristina Sagário
Profa. Ivanise Nazaré Mendes

Resumo

No passado, o homem criava histórias para explicar eventos conhecidos e desconhecidos, resultando no surgimento de mitos e lendas que atribuíam veracidade a fatos inexplicáveis na época. Essas histórias foram transmitidas oralmente ao longo das gerações, mantendo-se vivas na imaginação das pessoas e adquirindo significados mais profundos. Esta pesquisa tem como objetivo analisar a influência das lendas e mitos na cultura contemporânea e na educação, investigando seu impacto tanto no âmbito cultural quanto educacional da sociedade atual. A justificativa para este estudo reside na importância de compreender as lendas e mitos como elementos culturais e educativos, que transmitiram valores, conhecimentos e moldaram identidades individuais e coletivas ao longo da história. Compreender essa influência é fundamental para preservar nossa herança cultural e aproveitar o potencial pedagógico dessas narrativas na educação contemporânea. O problema de pesquisa consiste em examinar como as lendas e mitos continuam a exercer influência na cultura e na educação atual, considerando avanços tecnológicos e mudanças sociais. Pretende-se compreender se essas narrativas tradicionais ainda desempenham um papel relevante na formação cultural e educacional das pessoas ou se foram marginalizadas em meio a novas formas de comunicação e conhecimento. A metodologia utilizada inclui uma abordagem qualitativa, com análise de fontes bibliográficas, documentos históricos, estudos de caso, entrevistas e análise de conteúdo, para obter uma visão abrangente da influência das lendas e mitos na cultura contemporânea e na educação.

Palavras-chave: Lendas. Mitos. Educação. Folclore. Cultura.

Abstract

In the past, humankind created stories to explain known and unknown events, giving rise to myths and legends that attributed truth to unexplained phenomena of that time. These stories were passed down through generations orally, remaining alive in people's imagination and acquiring deeper meanings. This research aims to analyze the influence of legends and myths on contemporary culture and education, investigating their impact on both cultural and educational aspects of present-day society. The justification for this study lies in the importance of understanding legends and myths as cultural and educational elements that have transmitted values, knowledge, and shaped individual and collective identities throughout history. Understanding this influence is crucial for appreciating and preserving our cultural heritage and harnessing the pedagogical potential of these narratives in modern education. The research problem consists of examining how legends and myths still exert influence on current culture and education, considering technological advancements and social changes. The study seeks to understand whether these traditional narratives still play a relevant role in cultural and educational formation or if they have been marginalized amidst new forms of communication and knowledge. The methodology employed encompasses a qualitative approach, involving analysis of bibliographic sources, historical documents, case studies, interviews, and content analysis to provide a comprehensive understanding of the influence of legends and myths on contemporary culture and education.

Keywords: Legends. Myths. Education. Folklore. Culture.

1 INTRODUÇÃO

No passado, o homem, com sua astúcia, criava histórias para dar explicações aos eventos conhecidos e também aos eventos que, para eles, eram desconhecidos. Essa hermenêutica que o homem utilizava para traduzir seus conhecimentos resultou no surgimento de diversos mitos e lendas, que atribuíam veracidade aos fatos sem explicação daquela época (Pires, Batalha, & Souza, 2016, p. 02).

Com o tempo, essas histórias inseridas em movimentos culturais foram transmitidas de geração em geração por meio da tradição oral. Dessa forma, elas se difundiram de maneira a permanecerem vivas na imaginação das pessoas. Ao longo do tempo, essas histórias passaram a ganhar mais significado na vida das pessoas, promovendo possibilidades de identificação e aproveitando seu potencial pedagógico em seus contextos e desfechos.

A pesquisa tem como objetivo analisar a influência das lendas e mitos na cultura contemporânea e no campo da educação. Pretende-se investigar como essas narrativas ancestrais continuam a exercer impacto na sociedade atual, tanto no âmbito cultural quanto educacional.

A justificativa para este estudo reside na relevância de compreendermos a importância das lendas e mitos

como elementos culturais e educativos. Essas histórias têm desempenhado um papel significativo ao longo da história da humanidade, transmitindo valores, conhecimentos e ensinamentos que moldaram identidades individuais e coletivas. Compreender essa influência é fundamental para apreciar e preservar nossa herança cultural e aproveitar o potencial pedagógico dessas narrativas na educação contemporânea.

O problema de pesquisa consiste em investigar de que forma as lendas e mitos ainda exercem influência na cultura atual e no campo educacional, considerando o contexto contemporâneo de avanços tecnológicos e mudanças sociais. Busca-se compreender se essas narrativas tradicionais ainda desempenham um papel relevante na formação cultural e educativa das pessoas, ou se foram marginalizadas em meio a novas formas de comunicação e conhecimento.

A metodologia utilizada para realizar esta pesquisa compreende uma abordagem qualitativa, baseada na análise de fontes bibliográficas e documentos históricos. Serão realizados estudos de caso, entrevistas e análise de conteúdo, a fim de obter uma visão abrangente da influência das lendas e mitos na cultura contemporânea e na educação.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 FOLCLORE, A CULTURA POPULAR

É importante falarmos do folclore e da sua abrangência, pois, as histórias populares em suas várias formas, que podem ir desde os contos de fadas, as fábulas, os ‘causos’, as parábolas, os mitos e as lendas, por exemplo, fazem parte de um conjunto de atividades que compõem a cultura nacional e internacional, pois, algumas narrativas são compartilhadas e difundidas em várias regiões do mundo.

Sabemos que, para muitas pessoas as lendas e mitos não passam de histórias fictícias, reproduzidas nas atividades folclóricas e compreendidas como parte da cultura do popular. Mas, por outro lado, elas são reais para muitos grupos de pessoas. E, “Estes elementos, vivenciados ou não, passam a ser revestidos por uma importância significativa, individual ou coletiva, e formam a identidade do conjunto, a memória coletiva.” (MANZKE; GONZALES; JESUS, 2018, p. 03)

No âmbito das sociedades, a cultura precisa ser observada sob diferentes aspectos, pois, ela encontra-se em um campo das práticas e do conhecimento que não poderíamos ser classificados como neutros. Antes, ela necessita ser observada sob o ponto de vista do interesse das diversas forças que agem, governam e dominam as sociedades.

Neste aspecto, é interessante observarmos, no âmbito social, onde estas forças se distanciam, onde se aproximam e/ou em que aspectos são a representação de uma resistência a um ou mais elementos das dicotomias existentes na sociedade.

Portanto, as histórias que originalmente pertenciam ao povo, às pessoas mais simples, foram aos poucos incluídas como parte de uma tradição de interesse universal. Este é o caso dos contos de fadas. De acordo com Falconi e Farago (2015), Perrault¹ ao coletar as histórias que o povo contava, ele resgatava aquelas que eram narradas de ouvido a ouvido e as modificava para que se adequassem aos padrões da corte francesa do rei Luís XIV. Mostrando, com isso, que havia um distanciamento entre a cultura ‘do povo’ e a ‘cultura da realeza’. Mas que, se ‘maquiadas’ conseguiam atrair o interesse das pessoas independentemente do seu nível social.

Além disso, em relação à cultura, Marilena Chauí (2006) em seu livro “Cidadania cultural: o direito à cultura”, comenta que, mesmo na atualidade, é possível percebermos a cultura sob vários aspectos, inclusive, sob os aspectos da divisão de classes, onde, coexistem uma ‘cultura de elite’ e uma ‘cultura popular’. Ela comenta que:

Ainda que cultura passasse a significar o campo materialmente determinado das formas simbólicas e dos modos de vida de uma sociedade, a divisão social das classes como distinção entre “culto” e “inculto” tonou-se predominante. Com ela: 1) a cultura e as artes distinguiam-se em dois campos principais: a erudita (ou de elite), própria dos intelectuais e artistas da classe dominante, e a popular, própria dos trabalhadores urbanos e rurais; 2) quando pensadas como produções ou criações do passado nacional, formando a tradição nacional, a cultura e arte populares recebem o nome de folclore, construído por mitos, lendas e ritos populares, danças e músicas regionais, artesanato etc.; e 3) a arte erudita passou a ser construída pelas produções e criações das belas artes, consumida por um público de letrados, isto é, pessoas com bom grau de escolaridade, bom gosto e consumidores de arte. (CHAUI, 2006, p. 13)

1 Os estudos da literatura folclórica e popular de cada nação iniciaram-se a partir do século XIX, ficando em destaque Charles Perrault, com seu livro Contos da mãe Gansa (1697). Os contos incluídos neste livro são: A Bela Adormecida no Bosque, Chapeuzinho Vermelho, O Barba Azul, O Gato de Botas, As Fadas, A Gata Borralheira, Henrique do Topete e O Pequeno Polegar. (FALCONI; FARAGO 2015, p. 89)

No entanto, a cultura popular, com os seus vários elementos, despertou em alguns estudiosos de diferentes campos do saber, o interesse em melhor compreendê-la e usá-la em benefício das ações educativas. Muitas pessoas que se dedicam ao estudo da cultura popular, são chamadas de folcloristas, e, estes folcloristas desempenham um importante papel na preservação de um ‘saber popular’, do saber que se origina do povo e que foi construído ao longo do tempo.

Enquanto folcloristas eles se dedicaram a estudar a cultura não elitizada, buscando preservar, compreender, registrar, coletar, arquivar e fazer a divulgação deste saber. Um saber que é mantido vivo de geração a geração predominantemente pela oralidade e na educação informal.

No Brasil, houve grandes folcloristas, entre estes podemos citar: Câmara Cascudo (1898-1986), Renato Almeida (1895-1981), Florestan Fernandes (1920-1995), Inezita Barroso (1925-2015) Mário de Andrade (1893-1945) e Pedro Teixeira (1915-2010), todos deixando importantes contribuições relacionadas ao saber popular difundido no Brasil.

Interessante destacar que o interesse em se conhecer melhor a sabedoria popular, obteve grande destaque no século XIX, quando o termo ‘folclore’ foi cunhado pelo pesquisador William John Thoms.

Sobre o conceito de folclore, expressão criada em 1846 pelo arqueólogo e pesquisador inglês da cultura europeia William John Thoms (1803-1885) para designar um campo de estudos até então apontados como “antiguidades populares” ou “sabedoria do povo” – registro de cantos, narrativas, costumes e usos de tempos de outrora e que vem assumindo outras interpretações ao longo da história por diversas linhas de pensamento [...]. (BATISTA, 2016, p. 16)

Deste modo, o termo folclore surgiu da proposta da junção entre duas palavras de origem saxônica: ‘Folk’, que significa povo, e ‘Lore’, que significa saber; formando o ‘folk – lore’, ou a ‘sabedoria do povo’. “Com o tempo, a palavra foi sendo utilizada sem o hífen, tornando-se simplesmente “folclore” ou “folclore”, como foi usada no Brasil.” (ASSOCIAÇÃO UNIVERSITÁRIA INTERAMERICANA VERA CRUZ, 2021)

Portanto, o folclore, é um conhecimento que não é sistematizado como o conhecimento acadêmico, mas que é igualmente importante, pois, é o conhecimento que sobreviveu ao tempo, e, no campo do saber, esta palavra engloba uma ampla quantidade de elementos materiais e imateriais.

Entre os relevantes trabalhos realizados pelos folcloristas, merece destaque o de Câmara Cascudo que foi um pesquisador, historiador, folclorista, advogado, médico e professor, um homem de grande sabedoria que desenvolveu um forte interesse pelo saber do povo. Para Câmara Cascudo, o saber popular não poderia ser visto como um conhecimento inferior, antes, ele deveria ser tão valorizado, estimulado e difundido quanto os saberes que são compartilhados pela educação formal.

Com isso, Câmara Cascudo compreendia a relevância da cultura para a identidade das pessoas individualmente e também para a identidade dos povos enquanto nações. É na cultura que as pessoas encontram um identificador das suas origens, das suas raízes. Pois, é bem provável que, ao examinarmos as crenças e costumes que as pessoas trazem, conseguiremos identificar o lugar de onde vieram.

Câmara Cascudo foi o criador do Dicionário do Folclore Brasileiro, um livro com mais de 900 páginas, que evidencia a riqueza do conhecimento e práticas difundidas pela população brasileira de maneira informal, registra várias atividades materiais e imateriais do patrimônio cultural nacional. Deste dicionário encontraremos o registro de uma grande relação de mitos e lendas, oriundos de várias regiões brasileiras.

Além disso, ele descreve ainda de uma maneira mais ampla o que podemos definir como sendo o folclore. Ele cita:

FOLCLORE. É a cultura do popular, tornada normativa pela tradição. Compreende técnicas e processos utilitários, que se valorizam numa ampliação emocional além do ângulo do funcionamento racional. A mentalidade, móbil e plástica, torna tradicional os dados recentes, integrando-os na mecânica assimiladora do fato coletivo, como a imóvel enseada dá a ilusão da permanência estática, embora renovada na dinâmica das águas vivas. O folclore inclui nos objetos e fórmulas populares uma quarta dimensão, sensível ao seu ambiente. Não apenas conserva, depende e mantém os padrões imperturbáveis do entendimento e da ação, mas remodela, refaz ou abandona elementos que se esvaziaram de motivos ou finalidades indispensáveis a determinadas sequências ou presença grupal. [...] Não apenas contos e cantos, mas a maquinaria faz nascer hábitos, costumes, gestos, superstições, alimentação, indumentária, sátiras, lirismo, assimilados nos grupos sociais participantes. Onde estiver um homem aí viverá uma fonte de criação e divulgação folclórica. O folclore estuda a solução popular na vida em sociedade. Como há dez anos passados, e ao contrário da lição dos mestres, creio na existência dual da cultura entre todos os povos. Em qualquer um deles haverá uma cultura sagrada, hierárquica, venerada, reservada para a iniciação, e a cultura popular, aberta à transmissão oral e coletiva, estórias e acessos às técnicas habituais do grupo, destinada à manutenção dos usos e costumes no plano do convívio diário. [...] O folclore deve estudar todas as manifestações tradicionais na vida coletiva. (CASCUDO, 1999, p. 400 e 401 – grifos nosso).

Portanto, com base nestas descrições realizadas por Câmara Cascudo fica evidente que são muitos e amplos os elementos que compõe o folclore, e que, tanto os contos como as estórias², são partes integrantes da chamada cultura tradicional. Demonstra ainda que há um rico repertório de ações relacionadas a este saber, que se arrola à memória e à troca de experiências entre as pessoas.

Sobre a compreensão da importância destes conhecimentos para a sociedade, em 1951 houve o primeiro Congresso do Folclore na cidade do Rio de Janeiro, onde foi escrita e divulgada a Carta Nacional de Folclore. Esta foi uma importante ação que visava uma melhor compreensão do que é o folclore sob o ponto de vista dos pesquisadores nacionais. E, embora na época houvessem encontrado uma definição mais atual para o mesmo, algumas décadas posteriores, no ano de 1995, na cidade de Salvador, após ter sido antecedida por uma ampla discussão nacional em torno desta temática, houve a adoção de uma nova releitura e definição para o que se compreendia com sendo o folclore. Este fato merece destaque por evidenciar que estas novas abordagens surgiram devido às transformações sociais e pelos avanços que haviam acontecido na sociedade, mudanças que influenciaram as práticas de estudo e pesquisa tanto nas ciências sociais, como nas ciências humanas.

Portanto, além desta definição dada por Câmara Cascudo, que já indicava haver quatro características importantes para que uma prática possa fazer parte do folclore, a saber: a antiguidade, a persistência, o anonimato e a oralidade (CASCUDO, 2012), na Carta do Folclore Brasileiro (1995), foram incluídas ainda as definições de aceitação coletiva, tradicionalidade, dinamicidade e funcionalidade. Ela registra que:

Constituem-se fatores de identificação da manifestação folclórica: coletiva, tradicionalidade, dinamicidade, funcionalidade, aceitação ressaltamos que entendemos folclore e cultura popular como equivalentes, em sintonia com o que preconiza a UNESCO. [...] Sendo parte integrante da cultura nacional, as manifestações do folclore são equiparadas às demais formas de expressão cultural, bem como seus estudos aos demais ramos das Humanidades. Consequentemente, deve ter o mesmo acesso, de pleno direito, aos incentivos públicos e privados concedidos à cultura em geral e às atividades científicas. (CARTA, DO FOLCLORE BRASILEIRO, 1995, s. p.)

Desta forma, se as histórias, os mitos e as lendas estão incluídos como elementos da cultura popular, sou seja, do folclore, significa que elas são dotadas de todas estas características, tanto das características que foram citadas por Câmara Cascudo como as que foram alistadas pela carta do Folclore Brasileiro. Além do que, devido à sua relevância, elas merecem a atenção dos pesquisadores e estudiosos das temáticas relacionadas às ciências sociais e humanas.

Precisamos ter em vista que o saber popular é dinâmico, é vivo, e que pode ser modificado com o passar do tempo ao sofrerem a influência de novos elementos que emergem da forma como as pessoas se relacionam, se comunicam e como expressam os seus conhecimentos e sentimentos. Estes elementos são próprios da história humana que está em constante transformação e, por esta razão, podem ser constantemente (re)criados.

Mas, mesmo sabendo que a cultura precisa ser observada na sua pluralidade, Cavalcanti (2002) destaca que não existe uma fronteira rígida entre o que definimos como cultura popular ou cultura erudita, pois, elas sempre se comunicam. E que, elas precisam ser observadas e compreendidas dentro do contexto de relações que estabelecem. (CAVALCANTI, 2002).

Além disso, cabe destacar ainda que, nem tudo pode ser relacionado ao folclore, existem elementos que o determinam. “Para se tornarem folclore, é necessário que tenham origem anônima, ou seja, que ninguém saiba ao certo quem as criou. Além disso, precisam ter surgido há muito tempo e ser divulgadas e praticadas por um grande número de pessoas.” (PROCÓPIO, 2021). Assim, as tradições, preservada pela sabedoria popular, por sua oralidade, é um elemento importante para a sociedade, pois, ela é o resultado seletivo da nossa ancestralidade.

2.2 AS LENDAS

As lendas e os mitos, a depender do local em que são reproduzidas, assumem diferentes significados. E, neste contexto podem assumir diferentes papéis: sociais, econômicos, culturais e até políticos, ao serem integradas às políticas culturais.

4

Oliveira (2018) poderá que as lendas são importantes principalmente para alguns tipos de comunidades. Ele comenta que:

² [...] é interessante a observação de que houve uma época em que, para diferenciar uma história verdadeira de uma história imaginária, as pessoas costumavam usar duas grafias: história (história real) e Estória (história fictícia). Visava-se assim separar, na escrita, o que podia ser considerado uma história verdadeira de uma história fictícia. Com o tempo, porém, convencionou-se o uso da grafia “história” para designar ambos os sentidos. (SAGARIO, 2015, p. 15) A verdade é que a fronteira entre história real (história) e história inventada (estória) me parece fluida demais para tornar funcional a adoção de dois vocábulos. Todo mundo sabe – ou deveria saber – que a história, bem espregada, é cheia de “estórias”. E vice-versa. Acho mais inteligente deixar a distinção a cargo do contexto. (RODRIGUES, 2011)

Para as comunidades rurais, muitas destas histórias fazem sentido, são consideradas fatos que aconteceram e significam uma forma de pensar a sociedade. A inferiorização dos grupos marginalizados é reforçada por estereótipos que forçam a um pensamento excludente. É o caso das comunidades rurais e das comunidades indígenas que tem seu conhecimento visto por uma ótica minimizada, como folclore, como lenda, como mito e não como parte significativa da vida desses sujeitos. (OLIVEIRA. 2018, p. 07)

No campo dos conhecimentos científicos, as lendas ainda despertam a curiosidade de muitos pesquisadores, entre estes podemos citar, os das ciências sociais, da antropologia, da literatura, da pedagogia e da História. E, por intermédio dos seus estudos, que estão voltados para a compreensão dos assuntos relacionadas às crenças dos povos, o que influencia as suas práticas e costumes, podemos entender melhor a sociedade e as forças que a governa.

As lendas rurais falam de mundos fantásticos, de personagens envoltos em mistérios e magias, cuja existência é alimentada pela reprodução de uma narrativa que provoca tanto a curiosidade, quanto o temor e o respeito por parte das pessoas.

Além disso, é notável o fato de que, quanto mais próximo as pessoas estão com a natureza, embrenhadas nos meios rurais, distanciadas dos grandes centros urbanos, maior será a percepção e o envolvimento com o mundo mágico que as rodeia. E ali, no meio rural, as lendas como a do Caipora, do Curupira, do Boitatá ou do Mapinguari, ainda são contadas e repetidas pelas pessoas mais velhas para os mais jovens.

Assim, as lendas, quer sejam pouco conhecidas ou quer sejam do conhecimento de uma grande quantidade de pessoas e repetidas em mais de uma localidade, podem ser notadas ao observarmos os diferentes povos que residem nos diferentes biomas existentes no mundo. Neste aspecto, é interessante notar que cada povo terá uma lenda a ser contada, um mundo fantástico habitado por personagens mágicos a ser relatado, personagens capazes de influenciar a vida das pessoas que habitam estas localidades de diferentes maneiras.

Desta forma, as pessoas que moram nos desertos terão as suas lendas, o mesmo acontecendo com quem mora nas florestas, nos pântanos ou próximos aos grandes rios. Cada uma destas comunidades, contará uma história sobre a sua região e a magia que acontece na natureza que o rodeia.

Tanto os mitos quanto as lendas adicionam a si valores sociais e coletivos que são preservados por intermédio da memória dos sujeitos ao serem contadas e recontadas de geração a geração. Além disso, são instrumentos de grande valor para a educação ao estimularem o processo cognitivo. Elas agregam informações necessários para a evolução dos povos, quando o saber é difundido por intermédio de experiências compartilhadas e mediadas por processos em que a realidade e fantasia se fundem.

Com isso, ao serem narradas, as histórias evocam sentimentos que, de tão fascinantes, “[...] são transmitidas oralmente como se o narrador vivenciasse novamente a referida história. Esses narradores têm o prazer de contar, não somente com palavras, mas com gestos, e isso é o que mais enriquece a narrativa.” ((PIRES; BATALHA; SOUZA, 2016, p. 48)

Mas, o que são as lendas e quais as suas influências para as sociedades da atualidade?

A palavra lenda provém do baixo latim *legenda*, que significa “o que deve ser lido”. No princípio, as lendas constituíam uma compilação da vida dos santos, dos mártires. [...] atualmente, a lenda, transformada pela tradição, é o produto inconsciente da imaginação popular [...] O mito é uma forma de lenda; mas os personagens humanos tomam-se divinos; a ação é então sobrenatural e irracional. O tempo nada mais é do que uma ficção. Na realidade, essas categorias se embarçam e os mitos são de uma infinita variedade; relacionam-se às religiões, são cosmogônicos, divinos — ou heroicos. As lendas, com personagens mais modestos, fazem evoluir mágicos, fadas, bruxas, que, de uma maneira quase divina, influem nos destinos humanos. (BAYARD, 2005, s.p.)

Portanto, não existe apenas um tipo de lenda, elas são diversas; algumas falam da criação do mundo, outras abordam temas religiosos, há as lendas que despertam o medo nas pessoas e as que falam de justiça. Além disso, lendas que são narradas no meio rural têm umas características próprias e serão diferenciadas das lendas difundidas nos meios urbanos, cada uma delas apresentará as suas próprias distinções.

É pertinente notar que, com características próprias e diferenciadas, partindo até mesmo de uma necessidade lúdica e criativa que é própria do ser humano e mesmo nos meios urbanos o homem narrará as suas próprias histórias contemporâneas, algumas destas, inclusive, são chamadas de lendas urbanas. Elas agregam às narrativas elementos do cotidiano, valendo-se inclusive de formas de comunicação próprias da atualidade, como por exemplo, os meios tecnológicos e digitais, não se baseando apenas na comunicação oral.

Portanto, lendas não estão resumidas apenas aos meios rurais, distanciados dos grandes centros urbanos. Nas cidades existem um formato diferente de narrativas. Estas lendas, possuírem uma forma diferente de propagação, são relatadas em uma espécie de boato, trazem em seus desfechos elementos da contemporaneidade e ocupam geograficamente alguns espaços dentro dos domínios urbanos. Este fato pode ser observado pelo relato abaixo:

Surgiu recentemente, em Jaboatão dos Guararapes, Região Metropolitana do Recife, a história de que em um bairro dessa região vem aparecendo um lobisomem. Os moradores afirmam que ele aparece à noite e começa a uivar. Alguns residentes utilizaram o farol da motocicleta para filmar, do celular, a aparição do ser. (LÓSSIO, 2009, p. 46)

Assim, a história é repassada como um acontecimento que aconteceu com alguém, como um rumor, em um bairro da cidade e que, posteriormente, foi divulgada pelos meios de comunicação locais diversos meios de comunicação local. Além disso, Lóssio (2009), ao comentar este assunto, faz algumas interessantes ponderações sobre as lendas atuais e as tradicionais. Ele pondera que:

Relatos como esse reafirmam o solo fértil do cotidiano. Antes, os mitos e as lendas eram criados pelos poderosos para manter uma ordem social. As mulheres que viviam distantes da cidade e com muitos filhos para cuidar, utilizavam em seu dia-dia o medo para inibir as astúcias da infância. Diziam para os filhos não saírem do lugar, pois havia bichos, seres inexistentes que comiam crianças e por isso os meninos e meninas não desafiavam a ordem da mãe. Hoje, os mitos surgem para desafiar o poder e a mídia, no sentido de se opor às regras. Lobisomens, papa-figos, homens do saco, ou seja, todo bestiário brasileiro resolveu se tornar globalizado. A utilização dos mitos e das lendas foram inseridos até em comerciais de televisão [...] (Idem – Grifos nosso)

Deste modo, as lendas urbanas despertam nas pessoas a sua curiosidade e também o seu medo. E, como já destacado, estão relacionadas aos boatos, às fofocas e a um “ouvi falar” que vai sendo repassado de pessoa a pessoa. Algumas lendas urbanas são amplamente conhecidas no Brasil, como: ‘A mulher de branco; ‘O gato preto’, ‘A fada dos dentes’ e ‘A Loira do banheiro’.

É interessante a constatação de que muitas lendas contemporâneas tiveram a sua origem a partir de um evento real, este foi o que aconteceu, por exemplo, com a lenda urbana da ‘Loira do banheiro’, que é uma narrativa muito conhecida no Brasil.

[...] Ela aparecia em banheiro, principalmente de escolas, após alguém iniciar uma sequência de ações: gritar o seu nome três vezes na frente do espelho, chutar a privada e falar palavrões ou dar a descarga com o fio de cabelo no vaso sanitário.

Há várias versões da história, mas a versão mais aceita da lenda é que ela teria se inspirado na história da jovem Maria Augusta de Oliveira, nascida no final do século 19, em Guaratinguetá, São Paulo. Dizem que ela seria filha do Visconde de Guaratinguetá, que teria obrigado a menina a se casar aos 14 anos com um homem influente.

Nada feliz com o casamento, Maria Augusta vendeu suas joias, mostrou que tinha muita atitude e fugiu para Paris aos 18 anos. Na cidade, a jovem viveu até 1891, quando teria falecido com apenas 26 anos – o motivo ainda é um mistério, graças à desapareção do atestado de óbito da garota.

Com a notícia da morte, sua família pediu que o corpo retornasse ao Brasil e fosse colocado em uma urna de vidro na casa da família até que o túmulo ficasse pronto. Mas, mesmo após a sepultura estar pronta para receber o corpo, a mãe de Maria Augusta não quis enterrá-la. Foi só após ser acometida por diversos pesadelos enquanto o corpo estava na casa que ela consentiu em sepultar a jovem.

Algum tempo depois, em 1902, o casarão em que viviam deu lugar à escola estadual Conselheiro Rodrigues Alves, onde dizem que seu espírito vaga até hoje, aparecendo com frequência nos banheiros femininos. (SINGULAR, 2017)

De tal modo, as lendas urbanas são divulgadas, entre outras formas, por diversas maneiras, não se limitando à oralidade. Elas podem ser encontradas na literatura, em jornais, nas telas de cinemas e em peças teatrais e até mesmo podem ser compartilhadas pelos celulares. Pior (2008) comenta que “Assim, cada lenda é o lugar de uma reinterpretação de fatos.” Além disso, ela acrescenta que:

[...] a lenda contemporânea ou urbana é uma narrativa oral, exemplar, coletiva, anônima, que possui uma mensagem implícita e uma moral escondida à qual nos ligamos. Ancorada na cidade e na modernidade, baseada na crença, requerendo igualmente a cumplicidade de um ouvinte, a lenda urbana tem por objetivo explicar o inexplicável e o incompreensível, de acordo com o sistema de valores, a época e a visão de mundo da comunidade na qual ela se inscreve. (DINO, 2008, p. 03)

Dion (2008), destaca ainda que as diferenciações entre uma lenda urbana e uma lenda tradicional está ainda na coincidência entre o tempo do narrador e o tempo da narração, onde, nas lendas urbanas, tanto o

narrador como os demais protagonistas, são personagens contemporâneos.

Desta forma, de acordo com Lopes (2007), com a implantação da internet, que é uma das formas de comunicação da modernidade, houve uma ‘recontextualização do ambiente de transmissão’. Pois, a internet dispensa o ritual das pessoas se reunirem presencialmente uma com as outras para contarem histórias ou para narrarem os acontecimentos do seu dia a dia, pois, a sua comunidade de internautas tem aberta a possibilidade de trocarem informações sempre que quiserem, no horário e no dia em que desejarem e independentemente de estarem próximos uns dos outros.

Com isso, quando as lendas contemporâneas são divulgadas pela internet, não se espera que haja as reações que provavelmente aconteceriam se elas fossem relatadas com as pessoas reunidas presencialmente. Na forma presencial as pessoas demonstram que aceitam ou que rejeitam, por intermédio da linguagem verbal e da linguagem não verbal, o que ouvem. Elas interagem com o narrador, ao passo que, pela internet, na maioria das vezes, as pessoas tornam-se apenas receptoras das mensagens recebidas, sem que haja entre elas uma interação, expressões de sentimentos de discordâncias ou de acordos.

Com isso, percebemos que na atualidade houve uma mudança na forma dos sujeitos se comunicarem, mudança esta que pode interferir na maneira como as pessoas se envolvem com as histórias, estas alterações passam transpassam as relações interpessoais dos sujeitos e as experiências de vida.

Portanto o lúdico que as lendas contemporâneas trazem, são elementos que estimulam a imaginação, e, por terem em seus desfechos elementos que são retirados da vida real das pessoas, do seu cotidiano, cumprem a função de provocar o temor, a curiosidade e a incerteza, sem que com isso haja prejuízo para com as narrativas contadas, por estas conterem em seus contextos um pouco de veracidade. Além disso, ela transforma cada pessoa que as divulga, em uma espécie de cúmplice das histórias contadas.

As lendas podem ser de dois tipos distintos: 1) explicação de situações ou acontecimentos sobrenaturais que, muitas vezes, partem do imaginário e não encontram respaldo no conhecimento científico, ou por ele não ocorrer ou por ser desconhecido; e 2) apresentar um fundo moral, geralmente vinculado a ensinamentos de como orientar procedimentos e comportamentos. Assim, é importante destacar que uma lenda pode ter algum fundo de verdade, mas que se transformam com o tempo, o que explica a máxima da frase “quem conta um conto aumenta um ponto”. (FREITAS, 2018, p.145 – Grifos nosso)

Deste modo, as lendas retiram elementos da vida real e os misturam com elementos que contemplam os aspectos do imaginário, do sobrenatural, transformando assim as narrativas em histórias fabulosas. Além disso, agregam valores culturais e fazem parte do Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, que é também chamado de Patrimônio Cultural Intangível da Humanidade, estes visam a proteção das expressões culturais e tradicionais que são repassadas de geração a geração.

Nas cidades, merece destaque o fato de que, existem vários ambientes e circunstâncias que despertam nas pessoas a imaginação e são propícios para a criação de histórias, ambientes como por exemplo: os cemitérios, as estradas isoladas, os dias santos e as luas cheias, todos estes despertam no imaginário popular e reforçam em muitos a crença nas lendas urbanas.

Vivemos no século XXI, onde é possível percebermos que há muitas mudanças que há poucos anos poderiam nos soar como inacreditáveis. Mas, nos dias atuais, esta é uma das realidades com as quais precisamos conviver, ou seja, o antigo, o milenar, têm que coexistir com o novo, com as transformações que impactam todos os aspectos da vida das pessoas, individuais e coletivos.

2.4 AS LENDAS TRADICIONAIS

As lendas tradicionais são narrativas antigas que também combinam em sua essência lugares e acontecimentos reais, com elementos da fantasia e da imaginação. Fruto da narrativa popular, muitas têm por objetivo fornecer às pessoas a explicação para um fato que, na percepção das pessoas, não encontram explicações científicas que as validem. Relatam seres fantásticos, a criação das coisas, invocam o respeito e o temor das pessoas que as ouvem.

7

A sua existência das lendas está alicerçada na reprodução oral que acontece de geração a geração e no decorrer dos tempos. Mas, na atualidade, elas também constam em diversas manifestações artísticas, culturais e midiáticas, como por exemplo, em novelas, canções, poesias, propagandas e filmes.

As lendas de origem indígenas, são educativas pois motivam, entre outras coisas, o respeito à natureza, ao fazê-las ponderarem sobre as forças que regem a vida e os mistérios que nos rodeiam. E que, apesar dos avanços científicos e tecnológicos dos dias atuais, muitas coisas ainda não podem ser explicadas simplesmente por submetê-las à lógica humana. Portanto, é necessário refletir que a vida humana sempre acontecerá em

compassos que mesclarão a ficção e a realidade.

De tal modo, sempre que o ser humano conseguia encontrar uma resposta lógica para suas perguntas, outras perguntas surgiam, e, se o homem não as conseguisse responder, ele preenchia estas lacunas com a criação de uma história cheia de magia e mistério, pois, é por intermédio de suas perguntas e das ausências de respostas é que o ser humano criava – e ainda cria - histórias que visavam compreender o mundo que o rodeava, educar as crianças e valorizar a sabedoria dos mais velhos. Isso pode ser percebido pelas lendas e mitos criados para explicar a origem do homem e dos seus sentimentos - como o amor, a inveja e a esperança – e da criação do universo.

No Brasil, que é um país de proporções continentais e que possui uma população muito diversificada, teoricamente, foi descoberto no dia 22 de abril de 1500, pelos portugueses. Mas, quando aqui chegaram os ‘descobridores’ do Brasil, já encontraram neste país muitas nações indígenas. E, ao desembarcarem, tanto os europeus tinham as suas crenças, as suas lendas, como os povos indígenas também tinham as suas. Posteriormente, quando outros povos aqui chegaram, como os negros escravizados trazidos da África, como os japoneses e italianos, cada pessoa trazia consigo as suas crenças, seus costumes, tradições e histórias, que acabaram por se somar e se misturar às demais culturas, promovendo com isso uma rica diversidade cultural.

Portanto, sendo o Brasil um país de múltiplas culturas é natural que ele possua uma grande quantidade de manifestações culturais que acontecem em vários âmbitos do saber popular. O Brasil é muito rico em histórias, em lendas e mitos que fazem parte de um rico e diversificado patrimônio imaterial.

Com isso, no território brasileiro percebemos que algumas lendas terão uma abrangência maior ao passo que outras ficarão limitadas geograficamente a espaços menores. Isto pode ser percebido pela exemplificação de algumas lendas citadas abaixo.

Quadro 1 – Algumas lendas das regiões brasileiras

	Região	Personagem	Origem	Característica	Atribuições
01	Norte	O BOTO	Indígena	O boto que se transforma em um homem e seduz as mulheres engravidando-as.	Sedutor de mulheres
02	Norte	MUIRAQUITÃ	Indígena/ Grega	Mulheres guerreiras que vivem separadas dos homens na Amazônia.	Proteção por intermédio de um amuleto
03	Norte	PIRARUCU	Indígena	Um guerreiro maldoso, vaidoso e egoísta que foi transformado em um peixe.	Explicação da origem do peixe pirarucu
04	Norte	VITÓRIA-RÉGIA	Indígena	Um belo índio, que tenta beijar a imagem da lua (Jaci) que estava refletida na água, se afoga e é transformada em uma flor que vive nas águas.	Explicação da origem da planta aquática
05	Norte	COBRA GRANDE/ Boiuna/ Cobra Norato	Indígena/ Americana	Uma cobra gigantesca, filho de uma índia. Ela habita os rios e está ligada à criação do mundo.	Cobra com grande poder de destruição, relacionada à criação da terra, capaz de mudar o curso dos rios e de criar outros animais.
06	Norte	MAPINGUARI	Indígena	Um monstro de um olho só, com uma enorme boca que fica na sua barriga, pelos avermelhados, devorador de animais e pessoas que se perdem na mata.	Guardião da floresta. Monstro que habita as florestas da Amazonas e do Pará, devora pessoas e animais.



07	Norte Nordeste Centro-Oeste Sul Sudeste	CAIPORA	Indígena	Guardião da vida animal selvagem, assusta os caçadores.	Guardião dos animais selvagens.
08	Norte Nordeste Centro -Oeste Sul Sudeste	MULA-SEM-CABEÇA	Península Ibérica	Mulher transformada em mula que no lugar da cabeça ela tem é fogo, isso após ter relações amorosas com um padre.	Uma mula que solta fogo pela cabeça e que assusta as pessoas.
09	Norte Nordeste Centro -Oeste Sul Sudeste	SACI PERERÊ	Indígena do sul do Brasil	Menino negro e travesso que mora nas florestas, usa um gorro vermelho, fuma cachimbo, anda em um redemoinho e tem uma perna só.	Menino brincalhão e travesso.
10	Norte Nordeste Centro -Oeste Sul Sudeste	CURUPIRA	Indígenas do norte do Brasil	Entidade protetora das matas, tem os pés virados para trás, os cabelos vermelhos e grandes.	Guardião da floresta
11	Norte Nordeste Centro -Oeste Sul Sudeste	LOBISOMEM	Grécia – mitologia grega	Conhecido mundialmente é uma lenda que fala de um homem que se transforma em um lobo nas noites de lua cheia, ataca e assusta as pessoas.	Criatura feroz, homem que vira um lobo, sua transformação acontece em noites de lua cheia.
12	Nordeste Centro-Oeste Sudeste	NEGRO D'ÁGUA	Incerta	Um homem negro, sem cabelos, alto e forte, com orelhas pontudas e corpo coberto com escamas. E, nas mãos e pés, tem garras afiadas e entre seus dedos membranas iguais a um sapo. Assusta as pessoas/pescadores.	Mistura de um homem negro e forte com um anfíbio, vive nos rios.
13	Norte Nordeste Centro -Oeste Sul Sudeste	CUCA	Península Ibérica	Uma bruxa, com cabeça de jacaré que possui uma voz horrível e que rapta crianças desobedientes.	Uma bruxa que sequestra crianças desobedientes
14	Sudeste Sul	PROCISSÃO DAS ALMAS	Portugal	Uma procissão, conduzida por um humano, mas seguida por caveiras vestidas de branco, que são espíritos atormentados e desencarnados.	Procissão de pessoas mortas ou almas penadas.
15	Sul	NEGRINHO DO PASTOREIO	Africana/Cristã	Um menino escravo que, ao deixar escapar um cavalo, foi espancado e marrado, colocado sobre um formigueiro.	Espírito que ajuda as pessoas a encontrarem animais e objetos perdidos

Fonte: PROCÓPIO, 2021; CASCUDO, 1999; internet

9

Por esta demonstração no quadro anterior, percebemos, por exemplo, que a lenda do Boto Cor-de-rosa acontecerá predominantemente na região norte. O boto, por ser um mamífero que vive nas águas dos rios daquela região, instigará a imaginação e as crenças das que habitam estas localidades. No entanto, podemos perceber que há lendas, como por exemplo, a lenda da Cuca e do Curupira, que podem ser constatadas em mais de uma região brasileira.

É razoável destacar ainda que no Brasil há seis biomas: a Amazônia, a Mata Atlântica, o Cerrado, a Caatinga, o Pampa e o Pantanal, todos com uma grande diversidade de fauna e flora compondo estes habitats.



E, por esta razão, são também ricos em narrativas que os envolvem. Basta averiguar que lendas como a do Curupira, da Mãe do mato, do Mapinguari, da Vitória-régia, do Boto Rosa, do Boitatá, da Cobra Grande e várias outras que surgiram do contato do homem com a natureza.

Outra observação que podemos realizar é que existe uma grande influência da cultura indígena na constituição destas lendas. Para os povos indígenas, o contato com o mundo espiritual é uma realidade que precisa ser respeitada, pois, este se manifestará na vida destas pessoas, influenciando-as tanto individualmente como em grupo, atuando em seu modo viver, de conviver em sociedade e de explorar o território onde habitam. “[...] as narrativas indígenas estão imbricadas de espiritualidade e contribuem no estabelecimento das relações territoriais e do modo de se representar como coletivo e de se presentificar com os demais coletivos.” (SILVA, 2013, p. 113)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contação de histórias é uma prática tão antiga como a própria história da humanidade e, as lendas e mitos, são formas de contar histórias de uma maneira repleta de magia e mistério. As histórias narradas sempre desempenharam um importante papel na vida das pessoas; elas serviam para os entreter, educar, transmitir experiências e dar respostas para tudo aquilo que o homem não conseguia encontrar explicações lógicas. E, embora algumas tenham passado por modificações em seus desfechos, muitas histórias sobreviveram ao tempo e ainda são contadas e recontadas na atualidade.

Contudo, a forma das pessoas se comunicarem passou a sofrer a influência de novos meios de comunicação, como: os celulares, computadores, tablets e televisores, aparelhos que permitem que as pessoas possam dialogar de uma forma mais distanciada e virtual, ao contrário de antigamente, onde as narrações de histórias aconteciam no aconchego familiar, nas rodas de conversas ou em volta das fogueiras. Com o tempo, a vida social e cultural das pessoas passou por profundas modificações. E, com isso, houve a preocupação em saber se as histórias vindas da oralidade sobreviveriam a esta nova realidade.

Mas, ao que tudo indica, as lendas e mitos têm sobrevivido agregadas ao folclore, mantidas pela cultura popular e preservadas em muitos lugares do mundo pela boca dos contadores de histórias e de pessoas que juram, que elas não são invenções e que, inclusive, elas também já viram muitos dos personagens narrados nas histórias.

Assim, por serem ricas de elementos desencadeadores e possibilitadores de diálogos é que as lendas e mitos precisam ser valorizados e preservados.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO UNIVERSITÁRIA INTERAMERICANA VERA CRUZ. Associação Universitária Interamericana. **Especial folclore**. 2021. Disponível em: http://site.veracruz.edu.br/doc/biblioteca_folclore.pdf. Acesso em: 21 maio 2021.

BATISTA, M. M. S. **Brasilidade e Modernidade: folclore e sensibilidade romântica em Mário de Andrade (1920-1945)**. 2016. Disponível em: <https://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/dissertacao-de-mestrado---monique-mendes-silva-batista.pdf> Acesso em: 20 mar 2023

BAYARD, J P. **História das lendas**. Tradução: Jeanne Marillier. Ed. Ridendo Castigo Moras, 2005. Blog singrando horizontes. Disponível em <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/lendas.html> . Acesso em: 29 maio 2023.

CASCUDO, C. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 10. ed. São Paulo: Ediouro, 1999.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. 2012. Livro digital.

10

CAVALCANTI, M. L. **Entendendo o folclore e a cultura popular**. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <https://marialauracavalcanti.com.br/2020/01/28/entendendo-o-folclore/acesso> em: 05 maio 2023

CARTA DO FOLCLORE BRASILEIRO. Comissão Nacional de Folclore. **VIII Congresso Brasileiro de Folclore**. 12 a 16 de dezembro de 1995. Salvador, Bahia: [s.e.], 1995. Disponível em: <https://www.fundaj.gov.br/geral/folclore/carta.pdf>. Acesso em: 26 mar 2023

CHAUI, M. **Cidadania cultural: O direito a cultura**; São Paulo: Fundação Perseu Abramo, SP, 2006



DION, S. **A lenda urbana: um gênero narrativo de grande mobilidade cultural.** Boitatá - Gt de Literatura Oral e Popular da Anpoll, Londrina, n 6, p. 01-13, 2008. Disponível em: <http://www.repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/8012/lenda%20urbana%20Sylvie%20Dion%20ok.pdf?sequence=1> . Acesso em: 20 maio 2023

FALCONI, I. M.; FARAGO, A. C. **Contos de Fadas: origem e contribuições para o desenvolvimento da criança.** origem e contribuições para o desenvolvimento da criança. 2015. Centro Universitário UNIFAFIBE, instituição de ensino superior do município de Bebedouro (SP). Periódico anual técnico-científico. Disponível em: http://repositorio.unifafibe.com.br:8080/xmlui/bitstream/handle/123456789/455/2015_IMF.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 16 jun. 2023.

FONTENELLE, G. **Lendas e mitos típicos das cinco regiões brasileiras.** 2020. Blog Viagem no tempo - Editora Abril. Disponível em: <https://viagemeturismo.abril.com.br/blog/viagem-no-tempo/lendas-e-mitos-tipicos-das-cinco-regioes-brasileiras/>. Acesso em: 14 jun. 2023.

FREITAS, A. C. et al. Lendas, misticismo e credices populares sobre manguezais. Pinheiro MAA, Talamoni ACB. **Educação Ambiental sobre Manguezais.** São Vicente: UNESP, Instituto de Biociências, Campus do Litoral Paulista, p. 144-65, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Marcio-Joao/publication/322789118_Lendas_misticismo_e_credices_populares_sobre_manguezais/links/5a6fe901aca272e425eb313c/Lendas-misticismo-e-credices-populares-sobre-manguezais.pdf Acesso em: 02 jun 2023

LOPES, C. R. **Lendas urbanas na internet: entre a ordem do discurso e o acontecimento enunciado.** 2007. 214 f. Tese (Doutorado) - Curso de Letras e Ciências Humanas, Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Cap. 06. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8147/tde-04122007-102908/publico/TESE_CARLOS_RENATO_LOPES.pdf. Acesso em: 10 maio 2023.

LÓSSIO, R. Mídia e transformações nas lendas e mitos em Pernambuco. **Sessões do Imaginário**, v. 1, n. 21, 2009.

MANZKE, Sabrina Marques; GONZALES, Beliza; DE AMORIM JESUS, Thiago Silva. Folclore de Margem: um olhar sobre as manifestações populares do Rio Grande do Sul e sua (in) visibilidade. **Revista da FUN-DARTE**, v. 36, n. 36, p. p. 165-187, 2018.

PIRES, A. S.; BATALHA, C. A. ; SOUZA, J. B. A arte de contar histórias a partir dos mitos e lendas da Comunidade Toledo Pizza em Parintins-Am. **Revista Eletrônica Mutações**, v. 7, n. 13, p. 041-057, 2016.

PROCOPIO, Brenda Karoline de Oliveira. **Folclore Brasileiro.** 2021. Blog Colégio Nossa Senhora Aparecida. Disponível em: <http://cnsasousa.com.br/folclore-brasileiro/> . Acesso em: 29 maio 2023.

RODRIGUES, Sérgio. História x estória, um conflito histórico. 2011. **Revista Veja**. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/historia-x-estoria-um-conflito-historico/>. Acesso em: 24 maio 2023.

SAGARIO, Maria Cristina. **Cultura, enredos sociais e narrativas: contadores de histórias na cidade de Uberlândia (1988 a 2004).** 2015. 103 f. Dissertação (Doutorado) - Curso de História, História Social, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015. Cap. 03. Disponível em: <http://repositorio.ufu.br/handle/123456789/16511>. Acesso em: 24 maio 2023

SINGULAR, Gabriela. **13 lendas urbanas brasileiras para você ler nesta sexta-feira (13).** 2017. **Gazetaonline**. Disponível em: https://www.gazetaonline.com.br/eu_aqui/2017/10/13-lendas-urbanas-brasileiras-para-voce-ler-nesta-sexta-feira-13-1014103461.html. Acesso em: 09 jun. 2023.

OLIVEIRA, Joaquina Maria Batista de. Amazônia pelas lentes da oralidade e da memória: lenda ou verdade? **III SEMINÁRIO INTERNACIONAL EM SOCIEDADE E CULTURA NA PAN-AMAZÔNIA UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS**, 2018, Manaus. Artigo. Manaus: Ufam, 2018. v. 01, p. 01-15. Disponível em: <https://doity.com.br/media/doity/submissoes/artigo-7b4f9cbb7fbc76f18dccb78f81c013b4e-70b578-arquivo.pdf>. Acesso em: 29 maio 2023.